

com um momento lúdico musical cujo objetivo era permitir um intervalo de reflexão do que foi abordado no encontro. A partir dessas reuniões do grupo, constatou-se que o luto é prevalente na população adscrita à clínica, inclusive como demanda oculta, e pode ser incapacitante, além de ainda ser um grande tabu em nossa sociedade, mesmo entre profissionais da saúde. Considera-se a abordagem de tal tema essencial na formação médica bem como necessária a estruturação de redes de apoio para os indivíduos que vivem o luto.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.813>

812

HEMOFILIA COM DIAGNÓSTICO TARDIO

C.P. Oliveira, A.T.S. Rabelo, P.L. Cogo, M.C.C. Reginato, M.P. Silveira, A.V.C. Paiva, M.N. Neto, J.P. Oliveira, A.J.P. Resende, F.S. Camargo

Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, MG, Brasil



Objetivo: Relatar um caso de hemofilia A com diagnóstico tardio após procedimento de extração dentária que resultou na sintomatologia do distúrbio hemorrágico. **Materiais e métodos:** Paciente masculino, 23 anos, buscou atendimento médico após procedimento de extração dentária. Foram necessárias diversas reabordagens por recorrência de sangramento intenso. Associado ao quadro, apresentava equimoses espontâneas ou precedidas por trauma de baixa energia. Ao exame físico encontrava-se hipocorado (++) e com sinais de sangramento na cavidade oral. Relatou história familiar de hemofilia (irmão hemofílico), negou comorbidades, uso de medicamento, tabagismo ou etilismo. No primeiro atendimento foi prescrito ácido tranexâmico para controle da hemorragia dentária e foram solicitados exames laboratoriais para investigação. Houve intensificação do sangramento e necessidade de internação hospitalar. Exames laboratoriais evidenciaram TTPa alargado; foi necessária reposição de fatores de coagulação. No seguimento, os exames de investigação confirmaram tratar-se de hemofilia A, com Fator VIII: 0,7%. **Resultados:** Como o paciente não apresentava diagnóstico de hemofilia, o sangramento foi controlado com transfusão de plasma e uso de ácido tranexâmico. Os exames de investigação foram coletados antes das transfusões. Após o diagnóstico de hemofilia A, foi indicado seguimento ambulatorial e cadastro no banco de sangue para profilaxia intermitente, a fim de prevenir eventos hemorrágicos em situações de exposição a riscos. **Discussão:** Hemofilia é uma doença hemorrágica genética com herança recessiva ligada ao cromossomo X, que acomete quase exclusivamente o sexo masculino. O resultado desta mutação genética é a produção deficitária em quantidade ou em qualidade dos fatores de coagulação VIII ou IX, caracterizando os tipos de hemofilias A e B, respectivamente. Os tipos de hemofilia não podem ser diferenciados pelas manifestações clínicas do paciente, apenas por exames laboratoriais. O quadro clínico do paciente hemofílico varia de acordo com o grau de deficiência do fator de coagulação em questão, podendo haver manifestações hemorrágicas espontâneas ou após traumas de intensidade mínima; exemplos dessas manifestações são:

hemartroses, hematomas, hemorragia pós-extração dentária, epistaxes, hematúria, sangramento gastrointestinal, sangramento no sistema nervoso central. O diagnóstico da doença costuma ser feito na infância e baseia-se em suspeita clínica e evidência laboratorial, observando-se TTPa alargado e redução dos fatores de coagulação VIII ou IX no sangue; pode-se dosar também outros fatores, como o fator de Von Willebrand, para um diagnóstico diferencial. O tratamento da hemofilia baseia-se na reposição dos fatores deficientes de maneira profilática e deve ser iniciado após a primeira manifestação para evitar novos episódios hemorrágicos. Em pacientes com acometimento articular, a fisioterapia deve ser indicada para recuperação funcional e melhora da qualidade de vida. **Conclusão:** Trata-se de um paciente de 23 anos que apresentou sangramento atípico e intenso após procedimento de extração dentária. O exame de sangue revelou um valor de 0,7% de fator de coagulação VIII, confirmando o diagnóstico tardio de hemofilia A. Atualmente, o paciente encontra-se em tratamento profilático. É importante salientar a possível ausência de diagnóstico nos casos de hemofilias leves, para que uma conduta adequada seja iniciada o quanto antes.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.814>

813

IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NA DOAÇÃO DE SANGUE POR ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - CAMPUS CIDADE UNIVERSITÁRIA

J.O. Silva, L.L.S.P. Domingues, F.D.R.P. Oliveira, L.G. Figorelle, L.B. Rodrigues, M.G. Maiolino, A. Maiolino, M.F.D. Gaui

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil



A pandemia da COVID-19 com origem em Wuhan na China levou a medidas de isolamento social e despertou medo de contágio pelo vírus. Esses fatores contribuíram para afastar doadores dos hemocentros, reduzindo significativamente estoques de sangue e hemocomponentes no Brasil e em outros países. Portanto, este trabalho tem por objetivo avaliar a influência da pandemia na doação de sangue por estudantes de medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, descrevendo perfil dos doadores, frequência de doação, fatores limitantes e facilitadores, para observar os efeitos gerados pela pandemia. Foi realizado inquérito, a partir de um questionário com 20 perguntas, elaborado pela Liga Acadêmica de Hematologia e Oncologia da UFRJ, utilizando a plataforma on-line Google Forms em alunos do primeiro ao sexto ano do curso médico, no período de 8 de junho a 5 de julho de 2020. A divulgação foi pelo Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA) e pelos e-mails das turmas de graduação. Um total de 248 alunos responderam; a distribuição dos alunos entre os seis anos da graduação foi, respectivamente: 17%, 16,6%, 12%, 9%, 23,3%, 12,5% e 17,7%. Os respondedores eram 71% mulheres, idade mediana de 22 a 25 anos (variando de 18 a 34 anos); 64% não apresentam contraindicações a doação de sangue; 86,3% dos entrevistados não se enquadram em

grupos de risco para desenvolvimento de quadros graves da COVID-19, porém 63,7% moram na mesma residência de indivíduos considerados grupos de risco; 24,2% trabalharam ou foram voluntários em Hospitais e Unidades de Saúde durante a pandemia, dos quais 12,1% eram acadêmicos do sexto ano. Entre os respondedores, 16% realizaram pelo menos um teste diagnóstico para COVID-19, e 8,5% foram diagnosticados ou suspeitos da COVID-19. Em relação aos hábitos de doação: 39% dos alunos respondedores nunca doaram sangue e 39% declararam-se como doadores regulares (13,3% doam três vezes ao ano, 20,2% doam duas vezes e 27,8% doam uma vez ao ano). Em relação a doação no curso da pandemia: 25,8% doaram durante o primeiro semestre, e apenas 19,8% doaram durante a pandemia; 10,1% dos respondedores foram impedidos de doar por motivos relacionados a COVID-19 (teste positivo, contato com indivíduos cujo teste foi positivo, ou retorno de viagem de locais com casos confirmados de COVID-19). Sobre a motivação em doar: 41,1% foram influenciados por campanhas, dos quais 63% por campanha do HEMORIO, 27,3% por campanhas do Ministério da Saúde e 47,94% por campanhas realizadas pela Liga. Sobre os motivos para não doar: 44,8% relataram medo de sair de casa para doar sangue – 31,5% não saíram de casa devido ao medo, enquanto 13,3% saíram para doar; 12%, mesmo referindo medo, conseguiram efetivar a doação durante o período de pandemia. Apesar de a maioria dos estudantes respondedores não apresentar contraindicações a doação, menos da metade doa sangue regularmente. Assim, cabe ressaltar a interferência de outros fatores impeditivos. Neste estudo, nota-se dois principais motivos para a redução de doações, que são medo de desenvolver a COVID-19 e medo de transmitir o vírus para quem mora na mesma residência e faça parte de grupos de risco, apesar da maioria dos alunos não corresponder a estes grupos. Fatores relacionados diretamente ao SARS-CoV-2 que impediriam a doação foram pouco frequentes na população de estudo.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.815>

814

IMPACTO DA PANDEMIA SARS-COV-2 NAS ATIVIDADES DA LIGA ACADÊMICA DE HEMATOLOGIA E HEMOTERAPIA

J.B.C.B. Silva

Faculdade de Medicina e Odontologia São Leopoldo
Mandic, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Introdução: A pandemia SARS-COV-2 impôs distanciamento social e, no âmbito acadêmico, houve a interrupção de aulas e atividades presenciais, que migraram para o formato de ensino remoto. Assim, as Ligas Acadêmicas também tiveram que adaptar suas atividades durante esse período. **Objetivo:** verificar o impacto das medidas preventivas da pandemia SARS-CoV-2 na rotina da Liga Acadêmica de Hematologia e Hemoterapia de uma faculdade de medicina (LAHH-SLM). **Material e métodos:** Foi realizado levantamento documental de dados, usando os arquivos da LAHH-SLM, desde a sua fundação até o fim do primeiro semestre de 2020, período em que ainda havia necessidade de distanciamento

social, sem atividades presenciais. **Resultados:** A LAHH-SLM foi fundada no ano de 2017. Em relação a produção científica da liga, tivemos no período 2017-2019: uma média de sete aulas por ano; de cinco a seis membros no núcleo organizacional; em torno de quatro a cinco alunos registrados como ligantes ativos por ano; uma média de 22,5 alunos participantes por aula; o total de dois trabalhos submetidos a apresentação no formato pôster em congresso da especialidade e nenhum trabalho submetido a publicação. Já no ano de 2020, até o fim do primeiro semestre, em relação a esses mesmos dados citados, houve incremento em três itens: o número de ligantes subiu para 12, a média de participantes por aula aumentou para 64,8 alunos e tivemos um artigo do tipo relato de caso submetido a publicação em revista médica. Foram realizadas cinco aulas no primeiro semestre de 2020. Em relação aos demais dados levantados, não encontramos diferença entre o ano da pandemia e períodos prévios. **Discussão:** Em 2020, apenas no primeiro semestre, houve um número de aulas próximo ao que costumamos ter em um ano inteiro, o que pode ser explicado pelo interesse dos acadêmicos em entender o envolvimento da hematologia na fisiopatologia da SARS-CoV-2 e em seu tratamento, já que essa temática esteve presente em três das cinco aulas realizadas. Também identificamos um maior número de ligantes, possivelmente motivados pela expressividade da hematologia no contexto da pandemia. No primeiro semestre de 2020, todas as discussões da LAHH-SLM ocorreram de modo virtual. Acreditamos que tal fato facilitou a adesão dos estudantes, aumentando a sua participação. Tivemos a submissão de um artigo, do tipo relato de caso, para publicação, o que relacionamos aos mesmos motivos já abordados. **Conclusão:** O protagonismo da hematologia nas discussões sobre a pandemia voltou o olhar do acadêmico para esta especialidade. Além disso, o distanciamento social implicou em um maior contato com ferramentas de informática. Essa oportunidade, associada a um maior conhecimento da hematologia, possibilitou o êxito no número de atividades da LAHH-SLM no período pandêmico.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.816>

815

INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE POR MEIO DE REDES SOCIAIS: “PROJETO AMIGO DOADOR” – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

M.L. Martins, B.N. Silva, M.F.B. Felipe, R.G. Dias, T.S. Nascimento, S.T.F. Grunewald

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora,
MG, Brasil

Objetivos: Doar sangue é um ato pró-social, que nos dá capacidade de salvar vidas. O Hemominas de Juiz de Fora, polo de referência para 27 cidades e 57 hospitais da região, atende à demanda de 5 mil transfusões por mês. A necessidade de manutenção adequada dos estoques depende unicamente da motivação e da conscientização da população para doar sangue regularmente. Portanto, o Projeto de Extensão “Amigo Doador”, da Universidade Federal de Juiz de Fora, tem como objetivo aumentar o número de doações de sangue e torná-las mais frequentes por meio da divulgação de informações,